

Sediar ou não: o debate econômico sobre as Olimpíadas

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Sem público ou turistas, Tóquio 2020 registrou perdas bilionárias e alimentou discussão antiga sobre custos e retornos de receber os Jogos Olímpicos



ESTÁDIO OLÍMPICO DE TÓQUIO, COM ARQUIBANCADAS VAZIAS - FOTO: KIRBY LEE/USA TODAY SPORTS VIA REUTERS - 03.AGO.2021

Os Jogos Olímpicos de Tóquio se encerram neste domingo (8). O evento – realizado sem público e em meio à pandemia – resultou em perdas econômicas para o Japão e reforçou o debate sobre se vale a pena sediar os Jogos ou não.

A edição Tóquio 2020 foi realizada em circunstâncias excepcionais: a crise sanitária global tornou inevitável uma diminuição do potencial ganho financeiro. A discussão que questiona se os retornos econômicos compensam os custos, no entanto, é anterior a 2020 e 2021.

Neste texto, o Nexo reúne os principais argumentos do debate econômico em torno de sediar – ou não – as Olimpíadas.

O custo dos Jogos de Tóquio

Um estudo coordenado pelo economista dinamarquês Bent Flyvbjerg, da Universidade de Oxford, no Reino Unido, revelou que a Olimpíada de Tóquio é a mais cara da história. O dinheiro destinado à organização do evento foi estimado em US\$ 15,84 bilhões (R\$ 81,5 bilhões, pela cotação de 6 de agosto

de 2021) – mais que o dobro do planejamento original de US\$ 7,3 bilhões. A maior parte desses mais de US\$ 15 bilhões é bancada pelo setor público japonês.

Esse montante considera apenas gastos diretos – ou seja, despesas operacionais e investimentos para construção de arenas esportivas. O valor, portanto, não abrange aportes em infraestrutura de hotelaria, aeroportos, transportes urbanos ou outras modalidades de investimento que não estão diretamente ligados à realização das competições. A cifra leva em conta os custos relacionados ao adiamento dos Jogos de Tóquio.

US\$ 15,84 bilhões

é o custo direto total estimado para a Olimpíada de Tóquio 2020

Análises de jornais japoneses, no entanto, contestam esse valor, e estimam cifras ainda mais altas – algo que o Comitê Olímpico Internacional rejeita. Em 2019, os veículos Nikkei e Asahi calcularam que os gastos com os Jogos de Tóquio podem ter chegado a US\$ 28 bilhões.

O custo de outras edições

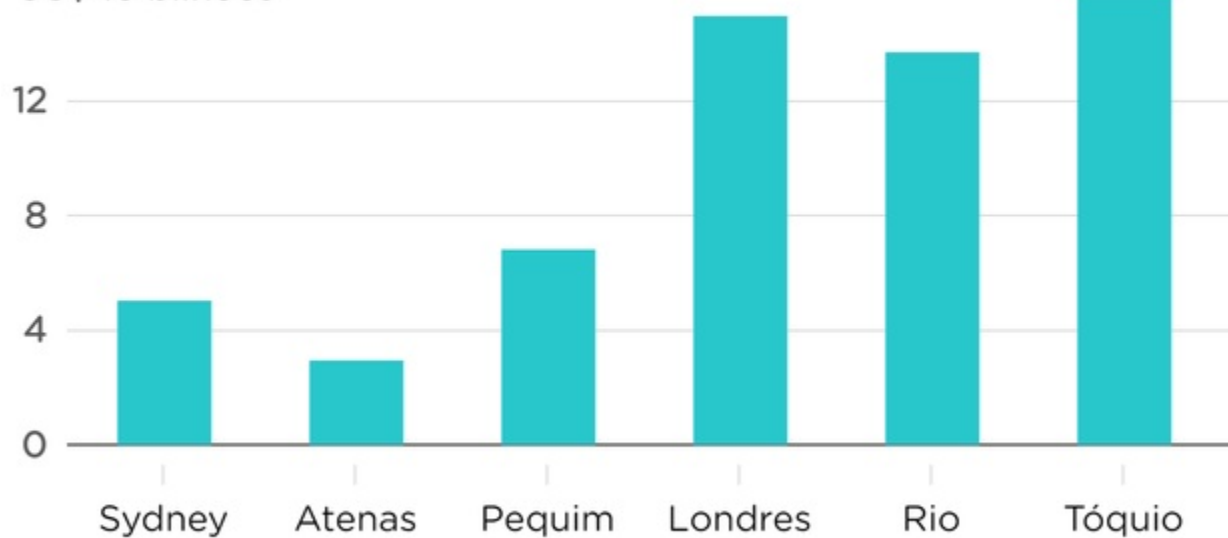
Antes de Tóquio, os Jogos mais caros haviam sido os de Londres. Os gastos diretos estimados para os Jogos de 2012 foram de US\$ 14,96 bilhões (R\$ 77 bilhões em 6 de agosto de 2021). Segundo o levantamento do estudo da Universidade de Oxford, os Jogos do Rio de Janeiro tiveram custo de US\$ 13,7 bilhões (R\$ 70,4 bilhões).

GASTO INFLADO

Custo dos Jogos Olímpicos no século 21. Salto grande entre Pequim e Londres, e depois continua em patamar bem alto

Custo dos Jogos Olímpicos no século 21

US\$ 16 bilhões



Fonte: Universidade de Oxford - "Regression to the Tail: Why the Olympics Blow Up"

NEXO

Apesar do gasto mais baixo que Londres e Tóquio, a edição de 2016 superou seu orçamento original em 352%, de acordo com os pesquisadores de Oxford. Ou seja, o custo final dos Jogos do Rio foi muito maior que o previsto inicialmente.

Nesse sentido, o caso do Rio não é isolado. Segundo o estudo de Oxford, os Jogos Olímpicos de Verão costumam exceder seus orçamentos em 213%, em média. De acordo com a pesquisa, o caso mais grave ocorreu em Montreal, em 1976: o evento custou 720% acima do projetado inicialmente.

O COI exige no processo de escolha de sede que os governos locais se comprometam a bancar os

custos que vierem a exceder o orçamento original dos Jogos.

Vale a pena sediar?

O alto custo de sediar os Jogos incita o debate entre economistas sobre se vale a pena receber o megaevento esportivo. O ceticismo sobre o tema é alimentado por casos de cidades e países que enfrentaram problemas financeiros graves após sediar as Olimpíadas – casos de Montreal, no Canadá, que sediou em 1976; da Grécia, que recebeu os Jogos em Atenas em 2004; e do Rio de Janeiro, sede em 2016.

Há também exemplos de sucesso, como o da Olimpíada de Los Angeles, em 1984 – em que os resultados financeiros foram muito positivos –, e de Barcelona, em 1992, que melhorou a infraestrutura local e ajudou a tornar a cidade espanhola um dos destinos turísticos mais populares do planeta.

As críticas de economistas aos Jogos

Para muitos economistas, os retornos potenciais de receber os Jogos não compensam os riscos e custos.

Em entrevista ao jornal americano The New York Times, Andrew Zimbalist, professor da Smith College, em Massachusetts, destacou a recorrência do problema dos elefantes brancos – grandes estruturas esportivas que caem em desuso após os Jogos.

Outros estudos mostram que os impactos econômicos positivos tendem a ser pequenos e de rápida dissipação. Uma pesquisa conduzida pelo Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento concluiu que a criação de empregos no processo de receber os Jogos é temporária e se restringe a poucos setores, como construção, hotelaria e turismo.

Em um artigo publicado na revista Journal of Economic Perspectives em 2016, os economistas americanos Robert Baade e Victor Matheson concluíram que os ganhos de emprego e atividade econômica gerados pelas Olimpíadas quase sempre ficam abaixo das projeções iniciais feitas pelos países-sede – e por vezes são virtualmente nulos. Os pesquisadores também ressaltam que os resultados costumam ser piores quando os Jogos ocorrem em países em desenvolvimento.

Há ainda economistas que lembram que a maior parte das receitas geradas pelos Jogos Olímpicos acaba ficando com o COI (Comitê Olímpico Internacional). A principal fonte de faturamento dos Jogos são os contratos de televisão – o COI fica com a maioria do dinheiro movimentado por esses acordos.

O impacto social dos Jogos do Rio

Os efeitos dos Jogos Olímpicos, no entanto, não se limitam aos saldos de indicadores macroeconômicos como PIB (Produto Interno Bruto) e número de empregos gerados. Há também ganhos sociais que podem advir do processo de preparação para as Olimpíadas.

Em julho de 2021, o FGV Social – centro de políticas sociais da Fundação Getúlio Vargas – lançou o livro “Avaliando os impactos locais das Olimpíadas do Rio”. A pesquisa, que foi coordenada pelo economista Marcelo Neri, identificou avanço em diversos indicadores sociais no Rio de Janeiro nos anos de preparação para a realização dos Jogos de 2016.

Além de melhora em índices de educação, trabalho e habitação, o estudo mostra que houve aumento da renda e queda da pobreza na população carioca entre 2008 e 2016. A renda dos mais pobres também cresceu em um ritmo maior que a renda dos mais ricos nesse período.

Ao Nexso, Neri afirmou que “o Rio vivia uma grande decadência antes do anúncio olímpico [em 2009], de várias formas. Um possível ganho das Olimpíadas talvez tenha sido de dar uma perspectiva futura: entre o anúncio e os Jogos em 2016, houve avanços relativos em vários indicadores; depois, houve uma certa reversão nesses efeitos”.

O coordenador do estudo também situou os Jogos do Rio no contexto econômico brasileiro da época – entre 2014 e 2016, logo antes da realização do evento esportivo, o país viveu uma grave recessão. Nesse sentido, a Olimpíada pode ter ajudado a amenizar os efeitos da crise econômica na capital fluminense: “de alguma forma, a realização dos Jogos manteve as rodas da economia carioca funcionando”, afirmou Neri.

O futuro das sedes olímpicas

Independente de eventuais ganhos sociais, as cifras altas das edições recentes dos Jogos Olímpicos têm levado cada vez menos cidades a lançarem candidaturas para receber o megaevento.

Em 2024, por exemplo, as cidades de Boston, Roma, Hamburgo e Budapeste chegaram a cogitar a candidatura, mas desistiram ainda nas fases iniciais do processo. As retiradas foram movidas pela rejeição da população local e pelo fato de que o poder público não aceitou fazer aportes tão altos para receber os Jogos. Ao fim do processo, restaram apenas Paris e Los Angeles – que foram escolhidas como sedes de 2024 e 2028, respectivamente.

Alguns economistas argumentam que, dado o alto custo dos Jogos e o fato de as estruturas esportivas olímpicas muitas vezes caírem em desuso, uma solução para o futuro do evento é ter uma sede fixa. Dessa forma, não seria necessário investir cifras bilionárias a cada quatro anos para que as competições pudessem ocorrer.

A proposta é polêmica, principalmente por quebrar com a tradição dos Jogos da era moderna (a partir de 1896) de ter uma sede diferente para cada edição. Além disso, não há consenso sobre qual seria o local fixo que iria receber o evento a cada quatro anos. Entre os lugares já levantados por economistas estão cidades na Grécia, na Suíça e até mesmo Los Angeles, nos EUA.

Outras propostas ainda falam em sediar modalidades diferentes em sedes espalhadas por países diversos. A descentralização de um megaevento esportivo foi adotada no futebol masculino para a Eurocopa em 2021 – as 51 partidas do torneio ocorreram em 11 cidades espalhadas pelo continente.

De todo modo, o COI não dá sinais de que irá adotar a ideia da sede fixa ou dos Jogos descentralizados. Em 21 de julho de 2021, a cidade de Brisbane, na Austrália, foi escolhida como sede da edição de 2032.

Colaborou Isabela Cruz